

Dinheiro vivo

Veja o que vai acontecer com seu dinheiro se for adotado o Plano Sayad. Salários, aluguéis, preços e tarifas terão reajustes sincronizados/Luiz Nassif

Plano Sayad, receita para sair da crise

É muito fácil diluir a tensão que tomou conta do país nos últimos dias, com as especulações sobre um novo congelamento da economia. Basta o ministro da Fazenda Luís Carlos Bresser Pereira, com o deditismo que lhe é peculiar, convocar os meios de comunicação e explicar, com toda a clareza, o que pretende fazer na economia.

Entenda o que pode vir pela frente, para conseguir manter vivo o seu dinheiro.

O Cruzado foi um tratamento de choque que quase levou à morte um paciente em bom estado de saúde. Sua reedição é extremamente improvável, a não ser que a tensão se transforme em histeria e o país ingresse em um regime de economia de guerra. Por isso mesmo, um congelamento amplo disponível é o Plano Larida (dos economistas André Lara e Périco Arida), atualizado pelo Plano Sayad, montado pelo ex-ministro do Planejamento João Sayad e pelo economista Chico Lopes. A não ser que sobrevenha um terremoto, Bresser Pereira certamente optará pelo Plano Sayad. E esse plano não é para assustar ninguém.

O plano parte do pressuposto que a economia pode ser dividida em dois universos: o dos preços controlados e dos preços livres. Fazem parte do universo dos preços controlados as tarifas de serviços públicos,

os preços privados historicamente controlados pelo governo, através do Conselho Interministerial de Preços (como automóveis, aços, tratores, fertilizantes etc), mais os salários e aluguéis. O controle sobre esse segmento é facilíssimo de ser conduzido. Bastam portarias, circulares e leis específicas, e um mínimo de credibilidade por parte do governo.

Pertencem ao universo dos preços livres todos os não englobados no primeiro grupo. Entram aí as roupas, grande parte dos alimentos, os serviços dos autônomos, a maior parte dos eletrodomésticos e outros produtos, que não se controlam nem quando o governo está no auge de sua popularidade.

O que o Plano Sayad propõe, inicialmente, é realinhar todos os preços. O universo dos preços controlados seria realinhado tomando os preços em vigor no primeiro dia do Cruzado, e corrigindo-os de acordo com a inflação a partir de 1º de março de 1986. Já o universo dos preços livres continuaria entregue às leis do mercado, mas limitados pelo desaquecimento da economia e pelos juros elevados.

Depois de se proceder a esse realinhamento, entra-se num período inicial de três meses. Nesse período, todos os produtos do universo de preços controlados não seriam reajustados. É um congelamento, então? Não: é uma sincronização de

reajustes. Ao invés de dar um aumento para os carros hoje, e repeti-lo daqui a três meses, dar um aumento para a gasolina uma semana depois, repeti-lo depois de três meses, aguardar mais quinze dias para reajustar o aço, e repetir depois de três meses, dão-se todos os reajustes de uma vez e aguardam-se os três meses regulamentares sem reajuste. Nesse período, os preços livres continuariam sendo fixados livremente, mas contidos pela queda de demanda.

Passados esses três meses, se ingressaria num novo período de quatro meses. Nesse novo período, todos os preços controlados passariam a ser reajustados mensalmente, de acordo com a inflação média do período anterior. Se no primeiro período a inflação média foi de 3% ao mês, no segundo período esses preços serão reajustados a 3% a cada mês.

Terminado esse novo período, ingressa-se em um terceiro período, de quatro meses, onde os preços continuariam sendo corrigidos mensalmente, mas, agora, de acordo com a inflação média do segundo período. E assim por diante.

A idéia do Plano Sayad é, ao invés de comprar a briga com a inflação por toda a eternidade, concentrar todos os esforços para derrubar a inflação por um período de três meses, sem recorrer a um congelamento generalizado. Depois, através

desse esquema de reajustar os preços de cada período de acordo com a inflação média do período anterior, projetar essa queda de inflação para o futuro.

Mas a grande vantagem do Plano é ser à prova de erros. O Cruzado, com a desindexação total da economia, era um Plano sem retorno, a exemplo dos conquistadores espanhóis, que destruíram as caravelas assim que chegaram em terras da América. Já o Plano Sayad, não. Ele suporta uma inflação residual, e comporta correções no decorrer de sua aplicação.

Obviamente implica em riscos para os setores controlados, conforme você poderá conferir na seção de salários. Se a inflação não for contida, as perdas serão maiores. Há, ainda, a falta de sustentação política do governo, aparecendo como um fator ameaçador. E ainda a turbulência política, que faz com que cada político se preocupe mais em jogar para a torcida do que para o time. Mas o risco maior que o país atravessa, hoje em dia, é o de uma hiperinflação e de uma desarticulação total da economia, quadro que poderá se tornar inevitável, se nenhuma medida for tomada. Posto o que, o Plano não só é defensável, como inevitável. Se der certo, o país terá muito a ganhar. Se falhar, de qualquer modo não se terá muito mais a perder.

Ilustrações de Gerardo Haona



Como fica o dinheiro

Posto em prática o Plano Sayad, o que aconteceria com o seu dinheiro?

Veja lá o que fazer, enquanto o Plano não vem.

Caderneta de Poupança — Faça chuva ou sol, continuará pagando a inflação do período mais 0,5% de juros ao mês. O governo sabe que a poupança é tabu, que não pode ser tocada. Por isso mesmo, se você estiver na poupança, pode continuar nela sem sustos.

Investimentos pós-fixados — Continuarão rendendo, normalmente, o equivalente à inflação do período mais uma taxa variável de juros. O mesmo deverá ocorrer com os empréstimos com correção monetária. Se você estiver em CDBs pós-fixados, seu dinheiro estará seguro.

Investimentos prefixados — Inevitavelmente serão submetidos a uma nova tablita de conversão. Quando uma empresa toma um empréstimo de 20% ao mês, ela está pensando em pagar parte desse empréstimo através de reajustes dos preços de seus produtos. Se o governo conseguir reduzir a inflação para 3% ao mês, por exemplo, se tornará impossível para a empresa pagar o empréstimo. A única maneira de impedir essa insolvência será permitir

que a empresa pagar o empréstimo descontando a inflação futura, através de uma tabela de conversão. Só que, para aplicar a tabela na ponta do empréstimo, será necessário aplicá-la igualmente na ponta da aplicação. Por esta razão, é bom que você fuja das aplicações prefixadas.

Bolsa de Valores — Num primeiro momento, um novo choque econômico teria o condão de ressuscitar o mercado de ações. Mas seu fólego, desta vez, não seria igual àquele que exibiu logo após o Cruzado. Com choque ou sem choque as perspectivas da economia não são brilhantes este ano. Além disso, o que impulsionou basicamente o mercado, no ano passado, foi o excesso de dinheiro que o governo injetou na economia — imprudência que certamente não seria repetida por Bresser. No momento, não é conveniente participar do atual tiroteio do mercado de ações. Deflagrado o novo Plano, é possível que a bolsa experimente um breve momento de euforia. Se você entrar imediatamente no mercado, e sair ao menor sinal de que a festa acabou, poderá lucrar com a alta.

OVERNIGHT — Continuará sendo uma aplicação segura, de curíssimo prazo. Nos últimos tempos virou moda temer um congelamento do over ou da poupança. Não caia nessa. É literalmente impossível que o over seja congelado. Imagine que um maluco qualquer assuma o governo e decrete o congelamento do over. No dia seguinte, a maior parte das empresas quebraria, por falta de dinheiro para pagar seus compromissos. Todos os correntistas do sistema bancário tratariam de sacar seu dinheiro da conta corrente, porque governo que congele o over pode querer congelar os depósitos à vista. Com inflação alta, e sem confiança nos bancos, a única alternativa seria trocar os cruzados por dólares ou por mercadorias. Nessa corrente, em questão de dias não só o sistema financeiro estaria quebrado, como a própria moeda cruzada estaria destruída. A moeda corrente no Brasil passaria a ser o dólar. Depois de analisar esse rascunho do fim do mundo, você acha possível que algum maluco apertasse esse botão vermelho, decretando o congelamento do over? Quem fala em congelamento ou é muito ignorante, ou é agente desestabilizador. Por isso mesmo, pode continuar mantendo seu fluxo de caixa no over.

CONTRATOS — A maior parte dos contratos de longo prazo prevê cláusulas de correção monetária. No

ano passado, esses contratos foram convertidos de cruzeiros para cruzados através da média, como você deve se recordar. Caso sobrevenha um novo choque, provavelmente o governo não mexerá nesses contratos. Eles serão corrigidos normalmente, na data do reajuste, de acordo com a variação da OTN no período. Se você tiver contratos pós-fixados, fique como está.

OTN — Muito provavelmente, continuará sendo reajustada de acordo com a inflação do período.

ALUGUEIS — Serão corrigidos no dia do novo Plano. Depois, permanecerão três meses sem reajustes. A partir do quarto mês serão corrigidos mensalmente, na mesma proporção dos salários.

VENDA A PRAZO — Se você é uma emissora jornalística ou de televisão, uma agência de publicidade, ou vende qualquer outro tipo de produto ou serviço para faturamento a prazo, trate logo de fixar todos os seus preços em OTNs. Enquanto não sobrevenha o novo plano, essa inflação maluca torna-se tarefa praticamente impossível tentar butar no preço a perspectiva de inflação futura. Por isso mesmo, o correto é tornar automático o reajuste, através das OTNs.



Os Salários

O Plano Sayad prevê um sistema sincronizado de reajustes para salários, aluguéis, preços administrados e tarifas. Esse sistema funcionaria da seguinte maneira:

ETAPA 1 — Num determinado dia, todos esses preços e salários seriam corrigidos ao mesmo tempo, de maneira a recompor seu poder de pico, do primeiro dia do Cruzado.

O cálculo seria o seguinte: suponha um salário que estivesse na faixa dos CZ\$ 25.000 após a conversão de cruzeiros para Cruzados, e que a inflação, de março de 1986 até o dia da entrada em vigor no novo Plano, tenha ficado em, digamos, 180%. Torna-se, então, esse salário, e corrige-se por 180%. Ele iria para CZ\$ 70.000, e permaneceria durante três meses sem reajuste.

Suponha que, nesses três primeiros meses, a inflação média mensal tenha ficado em 3%. A cada mês que passou, o salário perdeu 3% do seu valor. Somando todas essas perdas, o poder aquisitivo do salário, nesses três meses, sofreu uma perda de 5,7%.

Entenda como se calcula essa perda.

É como se se fosse até um supermercado no primeiro dia do plano, e se fizesse uma lista de todos os produtos que poderiam ser adquiridos com CZ\$ 70 mil.

Suponha que se conseguisse comprar 10 carrinhos cheios de produtos. Depois, toda a vez que se recebesse o salário, se voltaria ao supermercado, e se conferiria quantos carrinhos se conseguia encher. Se os preços subissem 3% ao mês, no final do período o assalariado teria conseguido encher 8,3 carrinhos, ou 9,4 carrinhos por mês. Assim, o poder aquisitivo de seu salário acabou sofrendo uma perda média equivalente a 0,57 carrinhos em cada 10 — ou 5,7% em cada 100.

ETAPA 2 — A partir do quarto mês, o plano estabelece períodos de quatro em quatro meses. Em cada um desses períodos, os salários (e demais preços administrados) serão corrigidos de acordo com a inflação média do período anterior.

No nosso exemplo, a inflação média do período foi de 3% ao mês. A partir do quarto mês, os salários e preços administrados seriam corrigidos, portanto, a 3% ao mês.

Caso a inflação mensal continue em 3% ao mês, ao final desse segundo período, esse salário permitirá encher 9,15 carrinhos por mês. Com isso, a perda do poder aquisitivo, em relação aos 10 carrinhos iniciais, passa a ser de 8,4%.

O Plano Sayad estipula que cada período terá quatro meses de duração. O poder aquisitivo desses preços controlados dependerá, basicamente, do comportamento da inflação. Na tabela O Salário Médio com o Plano Sayad, você tem uma boa noção do que poderá acontecer com o poder aquisitivo dos salários, nos próximos 15 meses, de acordo com diversas hipóteses de inflação.

Veja lá: a coluna IPC INICIAL mostra a inflação média no primeiro período de vigência do Plano. As colunas Variação Mensal Por Período referem-se ao aumento da inflação mensal, a cada período.

A variação 1% significa que no segundo período a inflação mensal foi 1 ponto percentual maior do que no pri-

IPC INICIAL	SALÁRIO MÉDIO COM O PLANO SAYAD		
	0%	1%	2%
2%	9,5	9,0	8,6
3%	9,2	8,8	8,4
4%	9,0	8,5	8,2
5%	8,7	8,3	7,9
6%	8,5	8,1	7,8
7%	8,3	7,9	7,6

IPC MÊS	SALÁRIO MÉDIO COM GATILHO	
	10%	9,2
10%	9,2	9,1
12%	9,1	9,0
14%	9,0	8,9
16%	8,9	8,8
18%	8,8	8,7
20%	8,7	8,6
22%	8,6	8,5
24%	8,5	8,4
26%	8,4	8,3
28%	8,3	8,2
30%	8,2	8,1

Como você pode conferir nas outras seções, é bem provável que sobrevenha um novo plano econômico, com uma nova fórmula para os salários. Caso seja mantida a fórmula atual, com os 19,5% de inflação previstos para abril, a situação seria aquela descrita na tabela O GATILHO DE MAIO.

Como você pode conferir, o gatilho disparará para todas as categorias, com exceção daquelas que têm data-base em abril e maio.

RA JUNHO, mostra-se a inflação mínima, em maio, capaz de detonar o gatilho de junho.

Persistindo o sistema de gatilho, a situação ficaria assim:

Caso o patamar da inflação ficas-

se em 18% mensal a partir de maio, o gatilho só não desfralaria nas se-

guientes situações:

Maio: para categorias com data-

base em abril e maio.

Junho: para categorias com data-

base em maio, junho, setembro.

Julho: categorias com data-base

em junho, julho e agosto.

Agosto: data-base em julho, e

setembro: data-base em janeiro, e

outubro: data-base em fevereiro.

Caso a inflação baixasse para o

patamar dos 14% ao mês, não haveria gatilho nas seguintes situações:

Maio: data-base de abril e maio.

Junho: data-base em maio, ju-

nho, julho, agosto e setembro.</p